

AS QUESTÕES DOS PREÇOS NA SUINOCULTURA

Dirceu J. D. Talamini¹

A suinocultura brasileira é caracterizada por grande variabilidade de tipo de criadores, propriedades, produtividade e tecnologia empregada. Sua importância econômica para as propriedades e regiões também difere, sendo mais importante nas regiões Sul e Sudeste. Na primeira, predominam propriedades e criações pequenas onde, em muitos casos, os suínos são criados para atender às necessidades de consumo e apenas os excedentes são comercializados. Na segunda, as unidades são de maior porte, com características empresariais. Na área econômica são frequentes as queixas dos produtores quanto à instabilidade e baixos preços do suíno. A instabilidade dos preços decorre, em parte, porque a produção agrícola, apesar dos avanços tecnológicos, ainda é um processo biológico que sofre a influência do clima. Outra parte decorre do próprio funcionamento do mercado, origina-se do lado da oferta, quando esta ocorre em resposta ao preço do produto, em condições de perfeita competição, assumindo que os preços atuais irão continuar no futuro. Assume-se, adicionalmente, que a produção de cada um não vai afetar o mercado; que existe um período de tempo entre a tomada da decisão e a concretização da produção, durante o qual essa não pode ser alterada; e que os preços são determinados em função da oferta.

Este trabalho visa examinar as variáveis relevantes e seguir ações que possam ser tomadas para reduzir os efeitos da instabilidade e baixos preços. Foram analisados os preços reais do suíno vivo e do milho para o período 1972-90 e o número de animais abatidos entre 1979-91 para Santa Catarina. Para se ter uma indicação da evolução normal das variáveis foram calculadas suas médias mensais para o período e convertidas em índices, tendo o mês de janeiro como base. Essas médias são apresentadas na Figura 1, onde nota-se a queda do preço real do milho à medida que a safra é colhida e o crescimento do abate de suínos com uma redução no seu preço, que não é tão grande como se esperaria, tendo em vista a variação no número de cabeças abatidas em cada mês. O abate e os preços não têm tido uma evolução normal desde os planos de controle da inflação iniciados em 1986. Em 1992, além da política econômica, verificou-se, ainda, o efeito da super-safra agrícola, que inclui o milho, principal elemento dos suínos. A evolução dessas variáveis nesse ano é mostrada na Figura 2. Nota-se que a queda do preço do milho foi mais acentuada e que os preços do suíno e os abate também não apresentaram uma evolução normal.

Como foi colocado, os problemas da suinocultura podem ter origem no próprio setor, na situação político-econômica do país e nos planos de controle da inflação. Assumindo que existe pequena possibilidade dos suinocultores interferirem na política econômica do país, deve-se procurar identificar ações que estejam ao seu alcance no sentido de reduzir esses problemas. Como o preço do suíno é dado pelo mercado, as primeiras idéias a serem discutidas são as que permitam reduzir custos de produção. Ganhos em eficiência econômica podem ser obtidos

¹D. Phil., Econ. Agrícola, EMBRAPA-CNPSA

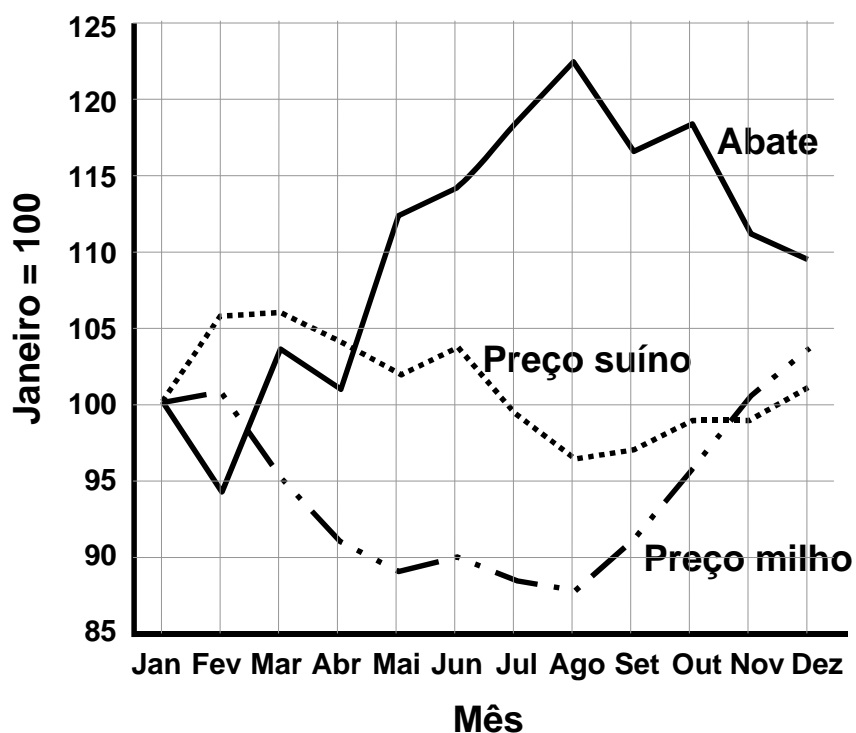


Figura 1 – Índices mensais médios de abate (1979-91) e de preços reais do suíno e do milho (1972-90), Santa Catarina.
Fonte: AINCADESC; ACARESC-CEPA

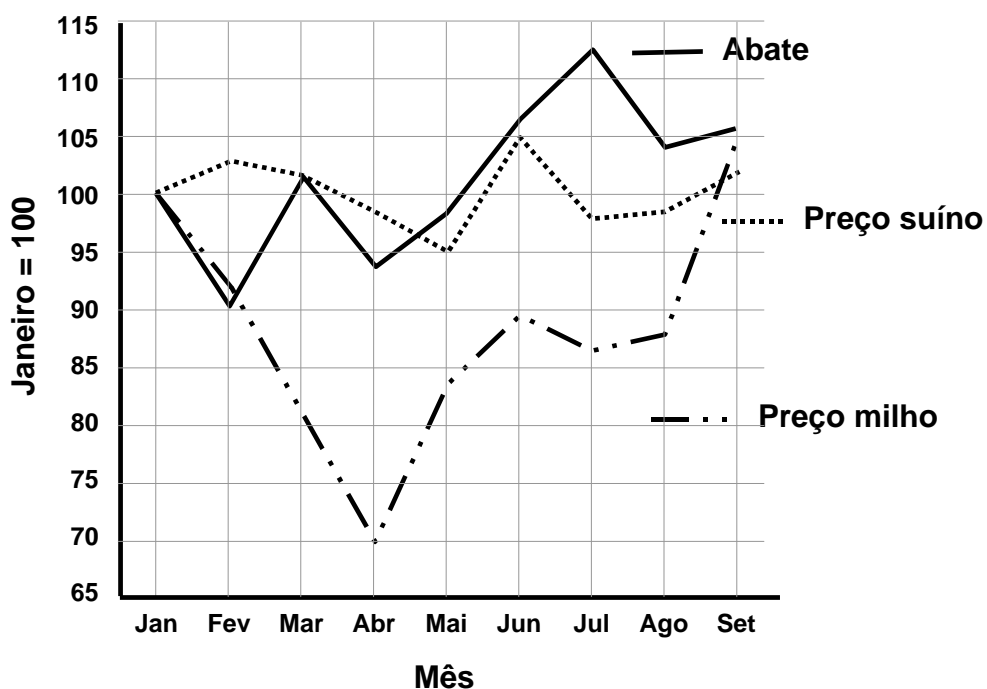


Figura 2 – Índices mensais de abate e preços reais do suíno e do milho em Santa Catarina, 1992.
Fonte: AINCADESC; ACARESC-EMBRAPA

pela melhoria da **capacidade gerencial** dos suinocultores e de sua especialização na atividade, evitando a entrada e saída do negócio. Assim, teriam melhores condições de escolher e utilizar tecnologias que aumentem a produtividade e reduzam custos, de desempenhar as atividades de compra e venda, bem como de executar a administração geral da propriedade, reduzindo desperdícios e perdas decorrentes de processos de produção e de tecnologias inadequadas. No Brasil, existe grande variabilidade de preços, deficiência na padronização e controle de qualidade de produtos e escassez de tecnologias que se adaptem às condições de produção, portanto, a preparação do administrador definirá o sucesso de uma empresa. Existem recomendações e técnicas simples, que não exigem capital adicional e apresentam grande efeito na economicidade da criação, as quais, às vezes, não são aplicadas por falta de preparo do produtor. Pode-se citar, como exemplos, a manutenção de porcas improdutivas, a ocorrência de perdas de ração, a existência de poucas porcas por cachaço e o não registro e análise dos dados de produção.

Grande parte da produção de suínos e dos alimentos por eles consumidos é realizada em **pequenas propriedades** com mão-de-obra familiar. Com a esses alimentos não é atribuído preço de mercado e em geral, o custo fixo também não é considerado, a produção familiar é mais resistente aos preços baixos que a empresarial que necessita remunerar todos os fatores de produção. Isto tem feito o nível de produção se manter ou se expandir, mesmo em períodos em que os preços não cobrem, sequer, os custos variáveis, o que não ocorreria nas criações empresariais, a não ser que estas, por serem mais eficientes, tivessem menor custo de produção. Este padrão de oferta ocorre devido ao grande número de pequenas unidades, geralmente com topografia acidentada, que produzem suínos, com pequena disponibilidade de áreas aptas ao cultivo intensivo do solo, fazendo com que a suinocultura seja uma importante opção para a utilização dos recursos existentes e fonte mais frequente de renda. Via de regra, esses criadores tem baixo grau de instrução, o que dificulta que sejam atingidos com informações sobre opções de produção e que se implante medidas de controle da oferta que dependam de uma ação mais rígida a nível individual. No que se refere a **escala de produção**, sabe-se que existe grande número de unidades com pequeno tamanho de plantel e que poderiam reduzir custos se chegassem a 15 matrizes, pois de acordo com estudos realizados, entre 15 e 45 matrizes ocorrem os menores custos médios de produção.

As variações sazonais dos preços e dos abates, também, podem ser reduzidas. Observa-se que, especialmente, os pequenos produtores, programam a terminação dos suínos para o período pós-colheita do milho, armazenando-o nos animais. Com isto, concentram a oferta em certos meses, deprimindo o preço do suíno vivo. Essas variações seriam evitadas com um melhor programa de **armazenagem do milho**. A baixa rentabilidade e pequena capacidade de investimento do setor, no entanto, limitam a execução dessa medida bem como a do aumento da escala de produção. Uma medida bem aceita pelos suinocultores para aumentar a lucratividade do setor é a implantação de **preços mínimos** que cubram os custos de produção. Sabe-se, contudo, que quando os animais atingem o peso de abate, eles têm limitada possibilidade de “estocagem” e um custo adicional significativo. Para esses chegarem ao consumidor devem ser abatidos e sofrer algum processamento, o que, em razão de leis relacionadas à saúde pública, não pode ser feito sem condições mínimas de higiene e inspeção sanitária, necessitando uma estrutura de abate, estocagem e industrialização entre o criador e o consumidor, o que encarece e dificulta a execução de um programa de preços mínimos para carne. A alternativa que resta para melhorar preços é a da negociação entre indústrias e produtores. E para que essa tenha sucesso é necessário que os produtores aumentem seu poder e capacidade de negociação melhorando sua **organização e representatividade**.